

CAMILLA MARQUES DE OLIVEIRA

COMPLEXO DE ÉDIPO: A FEMINILIDADE E SEUS
DESTINOS

COGEAE – PUC/SP
2019

CAMILLA MARQUES DE OLIVEIRA

COMPLEXO DE ÉDIPO: A FEMINILIDADE E SEUS
DESTINOS

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica
Orientadora: Renata Udler Cromberg

SÃO PAULO

2019

Dedicada a todas as mulheres como as de Atenas, que não tinham gosto ou vontade. Não tinham sonhos, só tinham presságios. Que quando fustigadas não choravam, se ajoelhavam e pediam mais duras penas. As jovens viúvas marcadas e as gestantes abandonadas. Para as mulheres como as de Atenas, que geravam filhos e que viveram para seus maridos, que quando voltavam para casa sedentos, queriam arrancar violentos, carícias plenas.

(Inspirado em Mulheres de Atenas, Chico Buarque)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus ancestrais, que antes de mim vieram, que abriram caminho através de suas vivências para que eu pudesse estar aqui.

Ao meu pai Jurandir Candido de Oliveira, que me ensinou a ser forte e lutar, ajudando a ter asas para alcançar meus sonhos e objetivos.

A minha mãe Neuza Marques de Oliveira, que com a sua inteligência sempre me estimulou a questionar, incansável, nunca deixou de me apoiar.

Agradeço aos meus familiares, que sempre fizeram parte da minha vida e com muito amor, sempre me apoiaram.

As minhas amigas mulheres: Barbara Helt, Suelen Ribeiro, Tatiane Machado, Adriana Gomes, que me apoiaram e seguraram a minha mão durante esse percurso, dividindo cada insight e vivenciando comigo cada etapa de pesquisa.

Agradeço a professora orientadora Renata Udler Cromberg, que com muita leveza conduziu todo o processo de construção da monografia, e sempre de maneira construtiva me apoiou.

Ao meu gato Leon e a minha gata Madona, fiéis companheiros nos dias e noites de escritas e leituras, que vez ou outra, com seus miados, me recordavam de parar e relaxar um pouco.

Agradeço a cada um que, como o mais simples gesto ou palavra de apoio, fez parte desse percurso.

COMPLEXO DE ÉDIPO: A FEMINILIDADE E SEUS DESTINOS

RESUMO: A presente monografia visa percorrer o trajeto do psiquismo da mulher no desenvolvimento da feminilidade. Abordaremos o conceito psicanalítico freudiano desde o nascimento até a idade adulta, com o objetivo de entender o desenrolar psíquico e as possíveis saídas para lidar com a castração, bem como os possíveis destinos para fluir entre a atividade e a passividade, presentes no feminino proposto por Freud. Em uma abordagem mais social, entender alguns possíveis destinos que a mulher pode dar a sua castração após a puberdade. Entender o papel da mulher nos diferentes espectros nos quais ela possa estar inserida, bem como compreender como a mulher pode lidar com os conflitos oriundos das expectativas sociais do lugar da mulher, calcados entre a construção da mulher tipicamente burguesa do século XIX, e da mulher do século XXI, que amplia seus horizontes de pertencimento e atuação.

Palavras-Chave: Complexo de Édipo, Complexo de Castração, Feminino, Feminilidade, Mulher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 VÍNCULO MATERNO: O INÍCIO DE TUDO	8
2 COMPLEXO DE ÉDIPO: A ENTRADA DO PAI	14
3 CASTRAÇÃO: O INÍCIO DO TRAJETO FEMININO.....	18
4 FEMININO: UMA RECONSTRUÇÃO	22
5 UMA DISCUSSÃO SOBRE A MULHER, A FEMINILIDADE E SEUS DESTINOS	25
6 CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

INTRODUÇÃO

Um Mergulho Na Alma Feminina

Ao pesquisar o tema da monografia, percebi que a mulher do século XXI está pulverizada em várias possibilidades sociais: muitos discursos, muitos comportamentos, muitos caminhos escolhidos por grupos diversos, que desafia a psicanálise a entender o movimento inconsciente de cada uma delas.

Durante as pesquisas algumas coisas me chamaram atenção, e uma das principais foi o conflito existente nas mulheres, que podem ser observados na clínica e na vida cotidiana, que são mulheres que prezam por bons relacionamentos e ao mesmo tempo requerem um novo lugar no social.

Das pesquisas efetuadas, além dos textos freudianos, três coisas me chamaram atenção: a história de Amy Winehouse; o trabalho de Maria Rita Kehl, sobre os deslocamentos do feminino; e a história do Negro e do racismo no Brasil, trazida por Noemi Kon.

Amy Winehouse, famosa cantora, compôs a música *Back to Black* após o término de um relacionamento, onde ela afirma que voltou para escuridão. Voltar para escuridão porquê? Ela não afirma que foi pra escuridão, mas sim que ela volta para lá, como se o relacionamento afetivo trouxesse alguma luz e clareza e preenchimento o qual ela não possui. Amy Winehouse morreu por complicações em decorrência de seus vícios e bulimia com apenas 27 anos de idade.

Maria Rita Kehl traz a reflexão do papel da mulher burguesa, aquela mulher que é especificamente designada para cuidar do lar, da família e nada mais. Relembro a polêmica acerca de uma reportagem a respeito da mulher de um ex-presidente, na qual ela é classificada como bela, recatada e do lar. Através da polêmica gerada percebo que em alguns discursos essa classificação ainda se encontra naturalizada, porém em outros já é considerada inadmissível e machista.

Já Noemi Moritz Kon elucida o percurso histórico do Negro a luz da psicanálise no Brasil, o que me faz perceber que a figura do negro até então era associada a mercadoria desprovida de qualquer espaço ou até mesmo de psiquismo.

Observei que muitas mulheres, embora o espírito de época desse início de século XXI permita que a mulher efetue mais escolhas e permeie o meio social de

forma mais intensa, podem ser compreendidas através do conceito de complexo de Édipo descrito por Freud. Percebo no campo social e através de atendimentos clínicos realizados, que muitas defendem a ascensão e independência no social, porém sofrem pela busca do relacionamento ideal ou se sentem muito insatisfeitas com o relacionamento em andamento. Algumas entram em conflito porque querem a maternidade, mas também a ascensão profissional, e ficam suspensas buscando a saída para conciliar mais de um papel. Algumas constroem carreiras espetaculares e quando advêm à maternidade, querem cessar a carreira e assumir o papel materno no lar. Esse movimento de algumas mulheres me sugere que, embora elas estejam em busca dessa independência do século XXI, elas carregam dentro de si muito das expectativas do século XIX.

Em seu texto sobre feminilidade, Freud afirma que as mulheres são um enigma. Explica que para além da anatomia, que apenas explica as funções sexuais de macho fêmea, de espermatozóide e óvulo, temos um engodo do psiquismo da masculinidade e da feminilidade que a anatomia simples não pode explicar.

Sendo assim, a proposta desta monografia é desenvolver um percurso conceitual primeiro sobre a formação do psiquismo no bebê em seguida sobre o desenvolvimento psíquico sexual na menina e na mulher, utilizando como base a teoria freudiana, que possui como pilar central o complexo de Édipo. Após isso, desenvolvo uma crítica a respeito do lugar da mulher no meio social, e os possíveis destinos que ela tem encontrado na sociedade atual.

1 VÍNCULO MATERNO: O INÍCIO DE TUDO

No começo ela era tudo, meu coração pulsava juntamente com o seu, e dela dependia o meu viver, assim disse o bebê.

No início da vida de um bebê a mãe, ou a figura materna, é tudo que ele conhece, é tudo que para ele existe. A amamentação, os cuidados, o carinho, ou até mesmo a negligência são os parâmetros que esse bebê registra, são essas emoções e sentimentos que vão adentrando ao psiquismo.

Todo investimento parental para o bebê refletem o narcisismo dos pais, que investem nos filhos seus desejos, sonhos, frustrações, amor.

Quando vemos a atitude interna de muitos pais com seus filhos, temos que reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo abandonado. (Freud, 1914/2010, p. 36)

Além do investimento das figuras parentais, Freud explica em seu texto sobre o narcisismo que, durante as primeiras fases da vida do bebê, ele possui todo investimento libidinal em seu próprio corpo, nomeado narcisismo primário.

O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcké, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. (Freud, 1914/2010, p. 14).

Esse investimento libidinal dos pais pelo bebê, além do investimento em si mesmo, vai permitindo que o bebê forme seu psiquismo, até que ele possa transpor essa fase e, finalmente, se voltar para objetos externos a ele. A libido que circula entre a mãe e o pequeno bebê vai dando forma e destino ao psiquismo do pequeno. A libido é a energia sexual que move o ser humano, responsável pela sexualidade. Sua energia é direcionada aos objetos e determinante nas ligações efetuadas com estes.

A libido permanece por toda a vida, e o modelo de troca que o bebê estabelece, servirá de modelo para as relações objetais futuras. Freud afirma que nem sempre as escolhas objetais serão externas, as escolhas poderão ser do tipo narcísica. Originalmente, o ser humano “possui dois tipos de objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria”. (1914/2010, p. 33).

Vale ressaltar que não é somente a mãe que dá destino ao psiquismo da criança. O pai também tem seu papel.

Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do seu pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. (Freud, 1914/2010, p. 37).

Não obstante, podemos considerar que a relação com a mãe é mais determinante para a constituição do narcisismo.

Nos primeiros tempos de vida, o bebê é totalmente dependente dos cuidados maternos, produzindo uma relação de passividade em relação a ela.

As primeiras vivências sexuais e de matiz sexual que a criança tem com a mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, nutrida, limpada, vestida e ensinada a fazer tudo o que deve. (Freud, 1931/2010, p. 388).

Por estar em uma posição passiva, recorrendo a Lacan, o bebê ocupa o lugar de falo da mãe, porque a mãe toma o bebê como seu objeto, e por ser objeto da mãe, a criança ocupa o lugar da passividade, daquele que satisfaz o desejo do outro, nesse caso, o desejo da mãe.

Existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo, que a criança simboliza ou realiza mais ou menos. Já a criança, que tem sua relação com a mãe, não sabe nada disso. (Lacan, 1956-57/1995, p. 56)

A fase anal, segundo Freud “desempenha papel importante durante a formação do psiquismo e fornece pistas da relação da mãe com o bebê” (1917/2010, p. 253). A fase anal é uma fase pré-genital, e proporciona ao psiquismo representações que o bebê carrega pela vida adulta. Sobre a influência que permeia o psiquismo feminino, ele explica que a coluna de coco, o pênis e a criança são “corpos sólidos que excitam um canal de membrana mucosa” (pg. 262). As fezes são “uma parte do corpo que se separa do bebê” e, amorosamente, o bebê abre mão do coco e o entrega a pessoa amada. Segundo o autor, uma parte do erotismo anal pode ser empregada na fase genital e a correlação coco - intestino pode ser substituída pela correlação bebê - vagina. Podemos interpretar que a relação estabelecida com as fezes pela menina, pode dar pistas da relação que terá com um possível futuro filho que possa ter.

Até o complexo de Édipo e as fantasias de castração, a criança vive na fase denominada por Freud como pré-edípica. A fase pré-edípica “qualifica o período do desenvolvimento psicosssexual anterior à instauração do complexo de Édipo; nesse período predomina, nos dois sexos, o apego a mãe”. (Laplanche, 2001, p. 352).

Freud caracteriza como pré-genitais “às organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante” (1905/2016, p. 108). Na fase pré-edípica, as crianças possuem atividade auto-erótica: no menino através do pênis, e na menina através do clitóris. Também nessa fase, não existe diferenciação entre masculino e feminino do ponto de vista genital.

Na criança do sexo feminino, a zona erógena diretriz está localizada no clitóris; é homóloga, portanto, à zona genital masculina da glândula. (Freud, 1905/2016, p. 140).

Podemos reconhecer com maior evidência nessa fase de desenvolvimento que a atividade-passividade: ora submetidos aos cuidados da figura materna (passividade), ora buscando tomar atividade para si.

No estágio da organização pré-genital sadicoanal não se pode ainda falar de masculino e feminino, prevalece a oposição de *ativo* e *passivo*. (Freud, 1923/2011, p. 175).

Podemos citar duas formas que a criança incorpora a atividade: a primeira através da masturbação, e a segunda através das brincadeiras.

Na primeira, a masturbação, a criança conquista sua atividade através da estimulação do pênis, no menino, e através do clitóris, na menina.

1) A masturbação do lactente incluindo todas as atividades autoeróticas que servem a satisfação sexual; 2) A masturbação infantil que, originando-se diretamente da anterior, já se fixa em determinadas zonas erógenas; e 3) a masturbação da puberdade que se segue imediatamente a masturbação infantil ou dela é separada pelo período de latência. (Freud, 1912/2010, p. 244).

A segunda, é que a criança pode, através de jogos e brincadeiras, representar de maneira ativa aquilo que é vivido passivamente. Um exemplo é quando a menina, quando brinca de cuidar, dar de mamar ou trocar a fralda da boneca, se apodera daquilo que vive passivamente quando é cuidada pela sua mãe. Freud explica sobre transformar uma experiência passiva em ativa em 1920/2010, quando presenciou seu neto brincando com um carretel, lançando-o para longe, e depois o recuperando, enquanto dizia *for-da* (*for* - foi embora, *da*- está aqui). Freud explica que o ato de lançar o carretel e pegá-lo de volta representa para o garoto o afastamento de sua mãe (*for*); e logo após se apossando dela novamente, “trazendo-a de volta” (*da*), tornando assim a experiência de passividade (mãe o deixou sozinho) em atividade (trago ela simbolicamente através do carretel).

O texto *Além do Princípio do Prazer*, que contém a história do *for-da*, não trata somente da posição passiva-ativa, utilizado aqui para embasar esse contexto. É importante considerar que ele trata de uma revolução na teoria psicanalítica, na qual Freud insere a ideia de pulsão de vida e pulsão de morte.

Na primeira teoria das pulsões sexuais (1905/2016), Freud enuncia que as pulsões básicas são a pulsão de auto-conservação e a pulsão sexual. Já na segunda teoria das pulsões, a partir desse texto publicado em 1920, as pulsões básicas são a pulsão de vida e a pulsão de morte. O texto contribui para compreendermos que a meta do psiquismo é se manter com o mínimo de excitação possível. Pulsão essa que se igualada a zero, é caracterizada como morte. A pulsão de vida é o que causa a excitação do psiquismo. Um trauma, por exemplo, se caracteriza pela invasão de uma grande excitação que desmonta momentaneamente o psiquismo, pois ele não estava preparado para ela. Sendo assim, podemos afirmar que o objetivo do psiquismo é obter prazer e evitar o desprazer.

A pulsão de vida é relacionada a enlaçamento com outro, com a sexualidade e a atividade. Já a pulsão de morte é relacionada a um nível mínimo de estímulo, onde seu máximo seria alcançar a morte e o desenlace.

Freud ainda lança uma questão, já em 1924/2011, sobre o princípio do prazer, pois quando afirmamos que o objetivo do psiquismo é evitar o desprazer, se torna necessário explicar o masoquismo.

Pois, se o princípio do prazer domina os processos psíquicos de forma tal que o primeiro objetivo destes é evitar o desprazer e conseguir prazer, o masoquismo tornou-se algo incompreensível. (Freud, 1924/2011, p. 185).

De forma simplificada, o masoquismo caracteriza a satisfação sexual relacionada ao sofrimento ou a humilhação a qual o sujeito se submete. O masoquista regride a primeira infância, na qual já possui sentimentos de culpa (Laplanche, 2001, p. 274).

Freud explicou três tipos de masoquismo, porém vamos nos deter somente em uma das formas explicadas por ele, que caracterizou como masoquismo feminino.

O masoquismo feminino é assim determinado devido à posição feminina que é encontrada nos dois gêneros: no homem e na mulher, isto é, é uma possibilidade imanente do ser humano. (Laplanche, 2001, p. 275).

Como Freud caracteriza que no “masoquismo existe o desejo de ser tratado como uma criança pequena, que é desamparada, dependente e especificamente malcomportada” (Freud, 1924/2011, p. 189), podemos associar essa condição do masoquista a posição passiva ocupada pelo bebê, que ainda é dependente dos tratos maternos. A partir dessa constatação, é feita referência de que no masoquismo ocupamos uma posição feminina, ou seja, passiva, posição na qual o bebê ainda é dependente da mãe.

Casos em que as fantasias masoquistas sofreram elaboração particularmente rica, é fácil perceber que elas põem o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina, isto é, significam ser castrado, ser possuído ou dar à luz. (Freud, 1924/2011, p. 189).

Não podemos deixar de salientar que no masoquismo estamos no extremo da posição passiva, e não caracteriza a passividade feminina, objeto de estudo nessa monografia. A mulher, na feminilidade, alterna os estados ativos e passivos não de uma forma extrema como explicitado acima. Já no bebê essa intensa relação permanece por toda a fase pré-edípica, ora a criança sendo sujeito passivo, ora requisitando atividade.

Com o tempo essa libido pode tomar dois caminhos: um masculino e outro feminino: No feminino ela encarna um caráter mais passivo, um desejo de ser amado e uma tendência a submissão. No masculino encarna a necessidade de amar, de obter poder e subjugar o mundo na ânsia de alterá-lo, tornando-se assim mais ativo. (Freud, 1931/2010, p. 41).

A pulsão busca satisfação e quando ela não é satisfeita, pode dirigir uma agressão ao mundo. Não receber o que se quer pode desencadear uma agressividade, na tentativa de controlar os acontecimentos do que recebe e do que não recebe.

No *sadismo* que, se tornou independente como perversão, o modelo de uma disjunção, embora não levada ao extremo. (...) percebemos que o *instinto de destruição* é habitualmente posto a serviço de *Eros* para fins de descarga. (Freud, 1923/2011, p. 52).

Freud fala aqui de uma pulsão de destrutividade que, independente, faz uma deflexão para o externo, o masoquismo se transformando em sadismo, num primeiro vínculo com a pulsão de vida.

Podemos considerar que no masoquismo, quando há uma elevação da excitação psíquica, o alívio pode ser encontrado através da submissão como, por exemplo, apanhar e sofrer. Causar uma redução dessa tensão torna a satisfação pulsional possível.

Quando Freud afirma que no masoquismo e na submissão nós temos uma posição feminina, ele não está se referindo a mulher, e sim a passividade que é correlacionada ao feminino. Para que o sujeito busque essa satisfação pulsional encontrada na passividade, ele precisa utilizar-se de muita atividade.

Um sujeito, quando busca uma satisfação passiva, se utiliza da atividade para se colocar como objeto de desejo do outro. É a mesma analogia do masoquismo que, através da atividade, busca a submissão, porém em intensidades diferentes.

O bebê quando vem ao mundo tem todo seu investimento libidinal em seu próprio narcisismo, e possui um vínculo tenaz com a figura materna. O jogo passivo-ativo vai dando direcionamento a libido à medida que é investida nos objetos externos. A libido direcionada à passividade (feminina) e atividade (masculina) dão a tonalidade de como se distribui a libido no psiquismo. O jogo atividade passividade no bebê dá forma e destino às futuras relações que estabelecerá.

O vínculo materno, no início da vida do bebê, tão tenaz, gradativamente se afrouxa, como iremos desenvolver mais à frente.

2 COMPLEXO DE ÉDIPO: A ENTRADA DO PAI

E de repente, senti que não tinha tudo, e tudo que achei que tinha, não era meu.

Uma das teorias mais controversas e discutidas de Freud é a do complexo de Édipo. Inspirado na mitologia grega de Édipo e Jocasta, Freud descreveu esse amor que, em tenra idade, os filhos desenvolvem por sua mãe.

Na mitologia grega Édipo mata seu pai e casa-se com sua mãe. Utilizando se dessa analogia Freud desenvolve toda a teoria que é um alicerce central na Psicanálise até hoje.

O Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica. (Roudinesco, 1998, p. 166).

Nos primeiros anos da vida os bebês são completamente ligados à figura materna e rivalizam com qualquer objeto que lhes tire atenção, inclusive o pai. Por um tempo a criança entende que a mãe lhe pertence, e por ela nutre desejos e, nesse período, ainda não compreende o papel do pai.

A medida que a criança percebe o lugar que ocupa o pai, ela vai percebendo que a figura paterna é um obstáculo a realização dos seus desejos em relação a figura materna. Interditada pelo pai, seus desejos são reprimidos.

Como os pais, em especial o pai, foram percebidos como obstáculo a realização dos desejos edípicos, o Eu infantil fortificou-se para essa obra de repressão, estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si. (Freud, 1923/2011, p. 43).

A criança do sexo masculino e feminino toma a mãe como objeto de amor, porém é um amor impossível e interditado socialmente. “Com o desmoronamento do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado”. (Freud, 1923/2011, p. 40).

Essa tríade da relação entre mãe – pai - criança forma a trama edípica. É importante ressaltar que Freud explicou que o complexo de Édipo tem destinos diferentes nos meninos e nas meninas.

No menino [...] o complexo de Édipo não é simplesmente reprimido, ele realmente se despedaça com choque da ameaça da castração. [...] Na garota falta o motivo para destruição do complexo de Édipo. A castração já produziu antes do seu efeito. (Freud, 1925/2011, p. 297).

Para que o complexo de Édipo no menino tenha seu êxito, se faz necessário falar sobre a angústia de castração que toma o menino quando este começa a ter medo de perder o seu genital, aquele que lhe proporciona prazer através da masturbação infantil. Não é logo após as ameaças de castração que ele abre mão dessa posição de desejar a mãe, e sim quando constata que na menina não existe o pênis, quando percebe que algo está errado porque ali, em seu entendimento, algo falta, e não enxerga como algo anatomicamente determinado.

Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado. (Freud, 1924/2011, p. 207).

A partir dessa constatação ele pode perceber que essa ameaça pode sim se tornar realidade, e pode perder o seu órgão.

Quando o interesse da criança (do sexo masculino) se volta para os seus órgãos genitais, ela revela o fato manipulando-os freqüentemente, e então descobre que os adultos não aprovam esse comportamento. (Freud, 1924/2011, p. 206).

O menino que ultrapassa o complexo de Édipo abre mão do amor parental direcionado a mãe e direciona o interesse para outro objeto, abrindo assim qualquer outra possibilidade, desde que não seja a própria mãe.

Nesse ponto a autoridade do pai é introjetada, formando a partir desse momento o superego ou supereu, termo utilizado em traduções mais recentes da obra de Freud.

A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do supereu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto. (Freud, 1924/2011, p. 209)

A partir daí então se adentra a fase da latência e o desenvolvimento sexual da criança é interrompido vindo a ser manifestado novamente na puberdade.

A atitude edipiana nos meninos pertence à fase fálica e sua destruição é ocasionada pelo temor da castração – isto é, pelo interesse narcísico nos órgãos genitais (Freud, 1925/2011, p. 297)

Mas, não podemos esquecer que a saída do complexo de Édipo descrita acima se aplica ao desenvolvimento infantil do menino. Freud explica que “enquanto

o complexo de Édipo do menino sucumbe ao complexo de castração, o da menina é introduzido pelo complexo de castração”. (1925, p. 296)

A pergunta que resta é: como se desenvolve o complexo de Édipo feminino? Como ele se resolve? Como a mulher redireciona o seu amor para o pai? Abandonando o amor pela sua mãe? Essas são questões que desafiam até mesmo Freud que, em toda sua genialidade, buscou explicações de como esse deslizamento de libido era efetuado.

Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital – o clitóris – em favor de outra, nova, a vagina. Agora, no entanto, parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original – a mãe – pelo pai. (Freud, 1931/2010, p. 372).

Freud afirma que a menina não dissolve o complexo de Édipo, e sim adentra nele quando acredita ter perdido seu falo. “A menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua consumação”. (Freud, 1925/2011, p. 212). Afirma que a menina não entende que anatomicamente ela é diferente do menino, pois em seu psíquico ela associa que algo lhe falta, que algo lhe foi retirado. Logo “começa a partilhar o menosprezo do homem por um sexo reduzido”. (Freud, 1924/2011, p.292).

A menina não sai ilesa dessa diferença constatada (Freud, 1925/2011, p. 212). Ela quer ter um falo, porém não pode devido às imposições biológicas, desenvolvendo o que chama de inveja do pênis, “nascida da descoberta da diferença anatômica entre os sexos” (Laplanche, 2001, p. 251). Uma ferida narcísica se instala, causando um sentimento de inferioridade em relação às figuras masculinas.

Além desse sentimento de inferioridade da inveja do pênis, também se instala um afrouxamento na relação com a mãe, porque a menina a culpa e a responsabiliza por não ter cuidado do seu pênis do qual, em sua fantasia, foi castrada, e a deixou em condições precárias em relação aos meninos.

Falando de consequências psíquicas nos meninos e nas meninas antes da entrada na latência, podemos afirmar que enquanto no menino a posição do complexo de Édipo é abandonada por medo do complexo de castração, a menina adentra nele e fica presa na falta, acreditando que perdeu o seu pênis.

Toda construção amorosa do bebê é dada na fase pré-edípica. O amor direcionado a mãe pelo menino permanece até entrar a interdição do pai; na menina o amor pela mãe se transforma em ambivalência (o amor e o ódio pela mãe) onde ela passa a ter ódio por acreditar ter sido negligenciada, e transfere esse amor para o pai, ou seja, não é nada novo, é só o amor que mudou de objeto.

Freud afirma que, para menina, esse é um problema adicional que carrega na sua constituição, pois precisa deslocar esse amor materno para o amor paterno. E assim lança uma questão: como é feito esse caminho?

3 CASTRAÇÃO: O INÍCIO DO TRAJETO FEMININO

Jogada em um novo caminho e buscando novos horizontes, que trará sentido a tudo novamente.

Como já explicado, as primeiras erotizações dos bebês são recebidas através dos cuidados pessoais realizados pela figura materna, que vai sensibilizando o corpinho do filho. Essa relação estabelecida desde a tenra idade fortalece os laços entre a figura materna e o bebê em um misto de amor e desejo.

Pois foi realmente a mãe que, cuidando da higiene corporal do bebê, suscitou-lhe (ou talvez despertou mesmo) sensações prazerosas nos genitais. (Freud, 1933/2010, p. 274).

Transferir o amor materno para figura paterna requer algumas decepções na menina. A chegada de um irmãozinho ou até mesmo a amamentação que ela julga ser insuficiente lhe causa sentimentos hostis. Mas apenas esses acontecimentos não explicariam esse afastamento, porque o menino também pode passar por essas situações.

Os sentimentos hostis em relação a mãe não tiveram suas causas reais identificadas durante os estudos freudianos. Ele afirma que essa hostilidade é, muitas vezes, uma racionalização devido a menina se sentir negligenciada por não ter um pênis.

O afastamento em relação a mãe ocorre sob o signo da hostilidade, a ligação materna acaba em ódio. [...] ouvimos então uma longa lista de acusações e queixas contra a mãe, tendentes a justificar os sentimentos hostis das filhas. (Freud, 1933/2010, p. 275-276).

Freud encontrou o ponto primordial de afastamento da mãe no que chamou de complexo de castração, que nada mais é do que a consequência psíquica resultado da diferença anatômica que a menina encontra quando observa que não possui um pênis, e não perdoa sua mãe por essa desvantagem em relação ao menino. Segundo Laplanche:

O complexo de castração é centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos coloca para a criança, ou seja, o complexo de castração surge na tentativa da menina buscar uma explicação a algo biologicamente determinado: a diferença dos sexos. (2001, p. 72)

Descobrir que não tem um pênis e descobrir que sua mãe também é desprovida de um, causa uma decepção na menina. O amor direcionado a mãe

tinha relação com a mãe fálica, e não com a mãe castrada. Todos esses acontecimentos magoam e ferem a menina que, sem seu falo desejado, se sente sem valor e inferiorizada.

A mãe, ao cumprir seu papel na educação, restringe ações, como a masturbação, por exemplo, e falta na exclusividade com a menina, como quando cuida de outros filhos ou se ocupa de outras tarefas. A somatória dessas situações dá corpo às queixas em relação a mãe e validam a hostilidade que sentem. “Cada interferência em sua liberdade provocará na criança como reação, a tendência revolta e a agressividade”. (Freud, 1931/2010, p. 279).

Uma das consequências de toda essa decepção é o abandono da masturbação clitoridiana, que abrirá mais tarde caminho a feminilidade, ou seja, a um elemento mais passivo, já que a masturbação através do clitóris é caracterizada pela atividade. Sendo assim, a masturbação clitoridiana é característica da menina não castrada que está ligada a atividade anterior a fase da castração.

Encontrar a partir da puberdade o caminho que leva ao prazer vaginal é o trajeto que leva à feminilidade e à posição passiva. A mulher, para chegar à posição de passividade, exige dela muita atividade. Estar na posição passiva requer um desejo, uma identificação, a busca de um objeto, ao qual ela pode se entregar.

É importante salientar que a fase genital faz parte do desenvolvimento sexual do ser humano. Para que a mulher adentre a referida fase de maneira satisfatória é importante que as fases anteriores (fases oral, anal, fálica) sejam abandonadas como posições, para que a vagina seja descoberta como zona de prazer.

Com a mudança rumo a feminilidade, o clitóris deve ceder à vagina sua sensibilidade e, com isso, sua importância, no todo ou em parte. (Freud, 1933/2010, p. 271)

A partir de então as zonas erógenas, as quais tiveram um papel na vivência infantil, agora possuem um papel para o prazer preliminar, que é o prazer que temos antes do prazer obtido através dos órgãos genitais. O clitóris, então, aparece com papel fundamental para excitar a vagina, rumo ao prazer genital.

A fórmula da nova função das zonas erógenas é, então: elas são usadas para tornar possível, graças ao prazer preliminar que delas (como na vida infantil) pode ser obtido, a produção do maior prazer da satisfação. (Freud, 1905/2016, p. 126).

Essa aproximação à passividade é que vai permitir a garota a se aproximar da figura paterna e dela desejar um bebê. Ter um bebê do pai é o que mais se

aproxima de conseguir o seu falo desejado. E assim, passo-a-passo, a garota vai se aproximando do pai e encarando a mãe como rival, criando assim a hostilidade em relação à figura materna, característica de muitas análises descritas nos textos freudianos.

Sendo assim a menina, através do complexo de castração, adentra o complexo de Édipo na fase fálica. O complexo de Édipo na menina permanece por tempo indefinido, e mesmo assim muitas vezes não é completamente diluído com o passar dos anos. Segundo Freud, ele é apenas amenizado.

Enquanto o complexo de Édipo do menino sucumbe ao complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração. (Freud, 1925/2011, P. 296).

Freud explica que na fase pré-edípica a menina é completamente ligada a figura materna. Somente após o Édipo é que a mãe se torna uma rival e a ela a menina direciona sentimentos hostis.

Inicialmente a menina ama imensamente sua mãe, porém após as decepções por aquilo que acredita que sua mãe não lhe deu, ela direciona todo o amor em direção ao pai e passa a ter uma atitude hostil em relação a mãe. “A forte dependência da mulher em relação ao pai é apenas herdeira de uma ligação à mãe igualmente forte”. (Freud, 1931/2011, p. 357).

Além de acreditar que sua mãe não lhe deu tudo o que precisava, ainda se rebela contra mãe porque atribui a ela a proibição da masturbação clitoridiana. Quando a garota se der conta da suposta castração, a enxerga de maneira negativa e desvaloriza o feminino, e logo também sua mãe. “O rancor por ser impedida de exercer a atividade sexual desempenha um relevante papel no afastamento da mãe”. (Freud, 1931/2010, p.383).

A castração é atribuída a mãe por não cuidar dela e também como punição pela atividade masturbatória. O menino também passa por decepções referentes a proibição da masturbação, porém direciona para o pai os sentimentos hostis acumulados, e a menina se mantém dentro desse estado de ambivalência entre o amor e o ódio em relação à figura materna.

O traslado das ligações afetivas do objeto materno para o paterno constituiu o teor principal do desenvolvimento que leva à feminilidade. (Freud, 1931/2010, p. 380)

Uma saída escolhida pela mulher para contornar a castração se dá através do casamento, geralmente escolhendo um homem a semelhança do pai, e carrega consigo o desejo de ter um filho. Embora a mulher se case com alguém semelhante ao pai, após adentrar o casamento revive a relação com a figura materna que ocorreu na tenra idade, trazendo à tona os conflitos da época pré genital.

Muitas mulheres escolhem o marido conforme o modelo do pai, ou o põem no lugar do pai, mas repetem com ele, no casamento, a má relação com a mãe. Ele deveria herdar a relação com o pai; mas, na realidade, herda aquela com a mãe. Não é difícil vermos aí um claro caso de regressão. (Freud, 1931/2010, p. 380).

A menina, que acreditava ser possuidora de um pênis, percebe que não o possui, e não compreende em seu psiquismo que ele nunca esteve lá. Sem a consciência de ser possuidora de uma vagina, que nessa fase permanece adormecida, não aceita a desvantagem e responsabiliza a figura materna pela perda, nutrindo assim um sentimento de hostilidade, e redirecionando todo amor a figura paterna. Se o complexo de castração não é elaborado, pelo menos parcialmente, ela ficará identificada na falta de pênis ao longo da vida adulta, buscando o pênis que acredita ter perdido na infância.

A chave para a constituição da feminilidade é a mulher entender que o pênis é diferente do falo, ou seja, o órgão genital pertence aos homens e o falo pode circular. Sendo assim ela pode ocupar a posição passiva, ou seja, se colocar no lugar de ser desejada e ocupar a posição ativa quando necessário, por exemplo, no trabalho, no cuidado com o filho, etc.

4 FEMININO: UMA RECONSTRUÇÃO

Após a castração de Urano, seu esperma cai no mar e da espuma formada surge Afrodite: a deusa símbolo do feminino.

Na fase clitoridiana a menina ainda acredita ser detentora de um pênis, e busca o prazer através do clitóris de maneira ativa. Somente após a constatação da castração se inicia uma segunda parte na vida dela. Podemos entender que a vida sexual da mulher se divide normalmente em duas fases: uma primeira de caráter masculino voltada para o prazer do clitóris, e outra segunda, após essa fase, voltada para a vagina, que é especificamente feminina.

Freud afirma que na mulher adulta o clitóris não é um fim, mas sim um meio secundário na excitação sexual feminina. Explica sua importância em ser uma espécie de ativador das zonas vizinhas a toda região genital onde, de maneira não tão simples, a excitabilidade da vagina pode ser alcançada. Essa ideia de Freud já nos traz indícios do trajeto a ser percorrido no desenvolvimento da feminilidade.

Quando o clitóris é ele próprio excitado, no ato sexual enfim permitido, tem o papel de transmitir essa excitação adiante, às partes femininas vizinhas, mais ou menos como uma lasca de madeira resinosa é utilizada para pôr fogo em uma lenha mais dura. (Freud, 1905/2016, p. 141).

A transferência do prazer clitoridiano para o prazer genital não é alcançada por todas as mulheres. Muitas permanecem frustradas em suas satisfações sexuais. É preciso transpor a anestesia da vagina, o que implica a mulher um trabalho adicional no desenvolvimento da feminilidade, para alcançar o acolhimento genital e a passividade que caracteriza o feminino.

Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para vagina foi realizada com êxito, isso significa que a mulher mudou a zona diretriz de sua atividade sexual futura, enquanto o homem manteve a sua desde a infância. (Freud, 1905/2016, p. 142).

O trabalho adicional a que Freud se refere tem relação com o papel do clitóris para a menina e do pênis para o menino na fase pré-genital. Para o menino é simplesmente desenvolver a sexualidade através do órgão já descoberto desde a infância. Agora para a menina é fazer a transferência do prazer encontrado no clitóris para região da vagina, que na infância é um lugar ainda desconhecido.

A puberdade, que traz ao menino aquele grande avanço da libido, caracteriza-se na menina por uma nova onda de repressão, que

atingiu justamente a sexualidade clitoridiana. É uma parcela da vida sexual masculina que aí sucumbe à repressão. (Freud, 1905/2016, p. 141)

A partir disso a mulher pode seguir alguns caminhos: buscar o pênis perdido através da rivalidade, ou buscar um filho. Socialmente a mulher pode buscar o falo perdido através, por exemplo, de cargos e compromissos empresariais assumidos.

Entretanto, se a mulher consegue percorrer a castração, ela adentra a feminilidade, onde consegue, através da passividade, se colocar no lugar de objeto de desejo, ou seja, ela passa a ter prazer no desejo de ser desejada. Como afirma Freud, “sua necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição” (1914/2010, p. 34). Nesse ínterim, ser mulher e adentrar a feminilidade requer sustentar o vazio oriundo da aceitação da castração e gozar por ser desejada.

Podemos recorrer a mitologia para falar um pouco sobre a construção do feminino, discorrendo a história de Urano, sua castração e o nascimento de Afrodite.

Urano, figura mítica que personifica o céu na mitologia grega, “símbolo de uma proliferação criadora sem medida e sem diferenciação, que destrói, por sua própria abundância, tudo que engendra” (Chevalier; Gheerbrant, 2012, p.921), odiava seus filhos, e após o nascimento desses, os mantinha presos no interior de Gaia, mãe dos filhos de Urano, que incentivou os filhos a se rebelarem contra o pai. Cronos, o mais jovem, liderou a rebelião vencendo o pai. Após uma emboscada, cortou seus testículos e os lançou ao mar. Da espuma que surgiu no mar, nasceu Afrodite.

Filha do sêmen de Urano (o céu) derramado no mar, após a castração do Céu por seu filho Cronos (daí a lenda do nascimento de Afrodite, que surge da espuma do mar). (Chevalier; Gheerbrant, 2012, p. 14)

O mito de Urano e Afrodite nos remete ao complexo de castração, a partir do qual se torna possível o feminino: Urano em todo seu poder e força, carregava consigo seu pênis, e a partir do momento que Cronos o derrota, ao consumir sua castração, nasce uma figura feminina reconhecida por toda sua beleza e sedução. Afrodite na mitologia grega, com sua correlata Vênus na mitologia romana, levam consigo o simbolismo do que é feminino até os dias de hoje.

A história do nascimento de Afrodite, assim como a história de Édipo, fala da realização de desejos. Édipo, conforme descrito no mito, consegue ficar com a sua

mãe. Já na história de Urano, Cronos consegue derrotar o pai terrível, permitindo que a mãe, Gaia, permaneça com seus filhos. Podemos especular que Afrodite consegue realizar o desejo do feminino que é elaborar a castração e poder utilizar da sua sedução para atrair objetos de desejo, sendo ela própria objeto de desejo.

Afrodite é a reconstrução de um processo de castração, onde a rivalidade ativa pode ser substituída pela figura de Afrodite, que representa as duas facetas que um feminino pode ter: um da sedução e da entrega aos desejos e o outro que pode se assemelhar a perversidade pela manipulação que ocasiona através da sedução. Afrodite carregava em si de maneira exponencial as facetas que podem ser adquiridas através da apropriação do feminino.

Afrodite simboliza as forças irremediáveis da fecundidade, não em seus frutos, mas no desejo apaixonado que acende entre os vivos [...] Ela faz perder a razão até mesmo de Zeus. (Chevalier; Gheerbrant, 2012, p. 14)

Afrodite, ou Vênus, é a deusa largamente associada a sedução e símbolo de beleza ideal. Várias vezes representada nas artes de forma bela e sensual, podemos associar essa representação ao seu lado passivo, quando está na posição de objeto desejado do outro, Afrodite é a projeção da falta de quem a busca. Por outro lado, Afrodite encarna a atividade, exemplo na atitude que tem quando, em disputa com Hera e Atenas, oferece a Páris a mulher mortal mais bela, ganhando a disputa. Podemos afirmar que provocar desejo requer muita atividade.

O corpo feminino é um falo, o ato em si não é tão primordial, mas sim a erotização que envolve a sedução, e a mulher pode se sentir como um falo: objeto de desejo procurado. Como disse Lacan, “o que é, propriamente falando, desejado na mulher amada é justamente aquilo que lhe falta”. (1956-57/1995, p. 111).

O complexo de castração provoca o afastamento da mãe, uma diminuição dos impulsos sexuais ativos, um aumento da frustração em relação a figura materna e uma diminuição da masturbação clitoridiana. O transpor desses aspectos vai abrindo caminho para a feminilidade assim como descrita no mito de Afrodite.

5 UMA DISCUSSÃO SOBRE A MULHER, A FEMINILIDADE E SEUS DESTINOS

*Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente
(Almir Sater)*

Para além do discurso da falta do pênis, Freud mostra que a mulher possui um trabalho adicional e que muitas vezes não alcança o prazer que sua vagina pode lhe proporcionar.

Até mesmo o conceito de atividade e passividade possui suas restrições. Podemos sim atribuir atividade e passividade na conduta sexual biológica, onde o espermatozóide toma uma atividade para adentrar o óvulo que permanece passivo, aguardando ser fecundado. Porém a mulher, em diversas situações da vida, atua de maneira ativa. Exemplos são sua relação com o bebê nas primeiras fases de vida, e até mesmo no mundo social, como no trabalho por exemplo.

Freud afirma que não podemos deixar de considerar que o meio social tem uma grande influência em colocar a mulher em uma posição passiva. Como Freud afirma, “quando se torna bela, produz-se na mulher uma auto-suficiência que para ela compensa a pouca liberdade que a sociedade lhe impõe na escolha do objeto” (1914, p. 34).

Já no texto *Sobre a Sexualidade Feminina*, Freud afirma que é necessário admitir que algumas mulheres podem ficar na fase pré-edípica e na ligação afetiva da figura materna, sem jamais alcançar a figura feminina como meta.

A fase pré-edípica na mulher tem um papel bem mais significativo do que no homem. É sabido que a mulher busca um modelo de marido similar ao modelo paterno, porém durante o casamento sofrem uma regressão e repetem a má relação que tiveram com a mãe. Poderíamos supor que a menina herdaria no casamento a relação com pai, fruto do complexo de Édipo. Porém a menina herda a relação com a mãe, produto da relação arcaica vivenciada na fase pré-edípica.

Se encontrar como mulher está além de buscar o falo através do marido e de ter um filho, é deixar emergir os dois lados: O lado masculino ativo que pode ser usado para trabalhar, para criar os filhos, se responsabilizar pelos cuidados de uma casa ou até mesmo responsabilidade para cuidar de animais domésticos. E o lado

feminino que nutre, acolhe, deseja ser amada, se coloca como um falo, ou se transforma em objeto de desejo para encontrar o seu prazer.

Entender que o pai não é um objeto possível, que ele desempenha outro papel que não de um marido e não dará o filho desejado, a mulher pode acessar que existem diversas possibilidades de se possuir um falo (inclusive na feminilidade elas se tornam falo). Somente a possibilidade do filho com o pai é interdito. Isso não é pouco, é muito a ser elaborado, porém, atualmente, a mulher tem muito mais possibilidades de elaboração, de caminhos a seguir onde ela pode integrar masculino e feminino, atividade e a passividade.

Outro passo é a mulher olhar a relação com a mãe, e entender que a responsabilidade não é dela pela falta que a persegue. Essa falta é existencial e não causada por alguém. É uma falta dada, biologicamente, pela ausência do pênis na mulher e interpretada pela criança como castração.

Resumindo, para adentrar a feminilidade, a mulher deve elaborar sua história, e se apropriar de que as funções, materna e paterna, possuem sua importância, que é permitir que sejamos inseridos no mundo, e de zelar até o momento em que podemos nos dar conta sozinhos. Responsabilizar os pais por aquilo que não se tem ou não se é facilita a fixação na condição narcísica, localizada no período pré-edípico. Como Freud explica sobre transpor o desejo infantil de possuir um pênis, que “se transforma então no desejo de ter um homem”. (1917/2010, p. 256).

Quando partimos para as influências sociais que permeiam a construção do feminino, podemos compreender que a cultura também possui seu papel no psiquismo da mulher. Kehl explica que é a partir da “travessia edípica que nos tornamos sexualmente marcados pela identificação de padrões ideais considerados próprios ao gênero” (2016, p. 11). Explica que para além das questões sexuais, oriundas da pulsão, carregamos também as métricas que a sociedade e a cultura são permeadas. “Somos marcados pela posição de cada um na ordem familiar pelo que representamos no inconsciente de nossos pais e pelo que herdamos de gerações passadas”(p. 12). Sendo assim nós não somos formados somente pelas pulsões individuais, e sim por um conjunto de fatores que envolvem o próprio psiquismo, e o campo social e familiar do qual estamos inseridos. “Aquilo que atravessa o campo do Outro” (p. 12). Lembra que a primeira marca social que recebemos, logo após o nascimento, é a da diferenciação sexual.

Somos ao longo da vida, classificados na estrutura social: homem e mulher, negros e brancos, nativos e estrangeiros, e uma infundável categorização que nos determina lugares imaginários determinados pelo que está fora do psiquismo. “O sujeito é antes falado – pelo Outro” (Kehl, 2016, p. 24).

Freud (1933/2010) reconhece a influência social no psiquismo feminino, uma construção cultural que determina o lugar que a mulher deve ocupar. Explica que pode haver conseqüências oriundas de uma pressão que impede o comportamento, pelo menos pouco mais espontâneo, e faz sucumbir a conseqüências psíquicas, que podem levar ao sofrimento.

Temos que atentar para não subestimar a influência da organização social que igualmente empurra a mulher para situações passivas. A supressão da agressividade, prescrita constitucionalmente e imposta socialmente a mulher favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas, que, como sabemos, tem êxito em ligar-se eroticamente a inclinações destrutivas voltada para dentro. (Freud, 1933/2010, p. 268).

A influência da sociedade burguesa no papel do feminino não pode deixar de ser explicitado. Conforme explicado por Kehl (2016) o papel da mulher, principalmente após o século XIX, está muito mais relacionado a ser a mulher em relação ao lar, construído através de um casamento. Esse imaginário social vem sendo desconstruído pouco a pouco, porém ainda traz as suas marcas. Mulheres por esse conceito influenciadas, que reprimiram a sua sexualidade e viveram a vida para cuidar da casa, dos filhos e do marido.

É importante desconstruir a naturalização do papel da mulher edificado dentro do imaginário da família burguesa, pois a padronização e limitação do seu lugar causam diversas marcas no psiquismo: sofrimento na mulher que serve ao papel, e sofrimento na mulher que fica a margem, que não atende aos requisitos idealizados, portanto não se enquadra.

A mulher que atende ao papel ideal fica limitada, com poucas possibilidades no meio social. Já as mulheres que ficam a margem, por não atenderem ao imaginário ideal que desejam pertencer, agregam mais um sofrimento em relação a mulher que possui todos os traços da mulher ideal da sociedade burguesa. Um exemplo presente na nossa sociedade, que ilustra a afirmação, é o das mulheres negras. Marcadamente na história do nosso país o corpo do negro foi utilizado como mercadoria, algo que deveria gerar mais valia. Sendo assim o corpo da mulher

negra no imaginário social ainda carrega traços de serviçais que executam o trabalho. Já é sabido através de pesquisas que as pessoas negras ocupam as funções de trabalho menos remuneradas, marcas ainda do regime de escravidão, que foi abolido a pouco mais de 100 anos no Brasil. Kon et al. (2017) explicam que no século XIX, “ficam cada vez mais evidentes os avanços da burguesia europeia” (p. 96). Interessante observar que Kehl (2016) e Kon et al. (2017) abordam o mesmo tempo, século XIX, que ainda traz marcas de uma geração marcadamente eurocêntrica, onde a mulher (branca) e o negro possuíam seus corpos dominados, com lugares predeterminados a ocuparem: o lar e a senzala.

O tempo avançou e estamos no século XXI, porém as marcas para a população negra ainda existem, embora mais camufladas, e a limitação de seu espaço não se encontra mais no real, mas sim no imaginário. “Como marcador social de diferença, “negro” pode até ser termo negativo, e também positivo, até afetivo. Jamais neutro.” (Kon et al., 2017, p. 118).

Kon et al. (2017) explicam que o negro busca o corpo do branco como o ideal de identificação, e isso traz diversas marcas em seu psiquismo. Sendo assim para a mulher negra, por exemplo, existem trabalhos adicionais psíquicos além da elaboração da castração tal qual foi colocada por Freud.

Penso sobre a relação que o negro pode vir a estabelecer com a brancura fetiche tomando-a como referencial identitário, ideal impossível que se tornará depositário de muita idealização e ódio. (Kon et al., 2017, p. 244).

Inclusive Freud, mesmo com uma teoria marcadamente falocêntrica, explica em 1917 sobre a valorização da virgindade por parte do homem, onde um dos desejos relativos a virgindade tem relação com a mulher não trazer para o casamento outro homem, o que marca o direito de posse sobre uma mulher e que constitui a essência da monogamia na nossa cultura.

Produz-se na mulher um estado de sujeição que garante o calmo prosseguimento da posse e que a torna capaz de resistir a novas impressões e desconhecidas tentações. (1917/2013. Pg. 365).

Entendemos que a mulher, sob esses aspectos, vira objeto de propriedade do outro, e essa propriedade possui infundáveis normas a serem seguidas, e a que não atende, se marginaliza. Para a mulher que buscou atender as exigências, convive com a limitação do seu espaço e repressão de seus impulsos.

A dificuldade que enfrentaram e enfrentam para deixar de ser objetos de uma produção de saberes de grande consistência imaginária, a partir da qual se estabeleceu uma verdade sobre sua natureza (Kehl, 2016, p. 14)

As mulheres precisam elaborar a castração e todas as exigências sociais que adentraram o seu psiquismo, que fizeram com que não se apropriassem de si mesmas.

Apropriando-se de si mesma e do seu próprio corpo, passando por uma pluralidade de elaborações, a mulher pode encontrar infinitas possibilidades e entender que nada se resume a busca de um pênis perdido pois, conforme explica Kehl, *“só conseguimos nos ver como sujeitos à medida que nos desatamos da sociedade”* (2017, p. 33), ou seja, para nos encontrarmos como sujeito individual, dotado de desejo como tal, precisamos entrar em contato com nós mesmos olhando a sociedade que estamos inseridos sob outra perspectiva, quiçá, menos alienado no desejo do outro.

6 CONCLUSÃO

*Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais
(Belchior)*

Interessante observar que o desenvolvimento psíquico conforme explicitado, forma uma espécie de uróboro, símbolo representado através de uma serpente que morde a própria cauda, representando um eterno retorno. O bebê no período pré-edípico, está vinculado aos pais, e desses recebe uma carga libidinal considerável. Aos poucos adentra ao complexo de Édipo, e posteriormente, lida com o medo da castração, nos meninos, e a constatação da castração, nas meninas. Após isso precisam dar destino aos conteúdos introjetados e ao próprio eu. Quando se tornam adultos, podem se tornar pai ou mãe, e o ciclo reinicia, projetando sobre o novo bebê seus próprios conteúdos psíquicos. Importante lembrar que independente das condições psíquicas em que esses pais se encontram, o bebê não está livre de ser depositário dos conteúdos psíquicos das figuras paternas e maternas. Está dado que o filho é produto do narcisismo dos pais.

Para nosso tema de estudo, na mulher, a relação com a figura materna é de uma muita importância para o desenvolvimento do feminino

Para a mulher não existe fase de dissolução do complexo de castração, ele é construído conforme a disponibilidade inconsciente. São as saídas possíveis que ela consegue adentrar. Pode ficar fixada na fase pré-edípica, rivalizando com e culpabilizando a mãe, desejando que o pai lhe de o falo desejado, ou sustentar uma reconstrução no lugar do feminino, que pode transitar entre a passividade e a atividade.

O desenvolvimento da feminilidade passa do amor pela mãe na fase pré-edípica, para direcionar o amor para o pai após o complexo de Édipo, quando a castração é identificada.

Após a puberdade, a mulher desenvolve sua sexualidade, e dependendo do objeto que busca, pode dar indícios de sua vida pregressa, e dos caminhos que irá seguir.

Embora exista um movimento social que visa o feminismo ou a busca do feminino, ainda é possível observar conflitos nas mulheres relacionados a fase pré-edípica e a castração oriunda do complexo de Édipo, além de sofrerem com a estrutura socialmente determinada do lugar da mulher.

A mulher ainda precisa lidar com as fantasias impostas pelo machismo estrutural na sociedade. Vivemos em tempos em que as mulheres podem sim ser independentes e buscar o seu espaço, não precisando estar colada na figura de um homem. Porém no imaginário social ainda se espera que a mulher desempenhe o papel da mulher do lar, às vezes causando até um estranhamento ao olhar do outro quando ela está presente em situações e espaços tipicamente masculinos, como estádios de futebol ou líderes em empresas, por exemplo.

Hoje em dia a mulher não precisa mais se relacionar com alguém da qual ela depende, mas sim pode escolher se relacionar com quem ela quer, ou até mesmo escolher não se relacionar. Porém ainda existe um preço por não se adequar ao status quo social, e sofrer julgamentos e discriminações.

Ainda existe no imaginário social um lugar determinado e esperado que a mulher ocupe, inclusive um lugar que muitas mulheres ainda se identificam. E a mulher vem aos poucos transpondo e avançando sobre lugares e situações das quais foram interditas ao longo dos tempos.

Podemos aqui retomar a história de Amy Winehouse, que embora tenha conseguido um reconhecimento social mundial através do seu trabalho, sucumbiu ao ter um relacionamento finalizado. Muitas mulheres ainda buscam ser alguém e ter um papel social reconhecido através de um homem. Vale salientar que nada impede de que a mulher possa desejar ter um bom casamento, talvez o que se faz necessário, é ressignificar o que é um bom casamento. Não associar um bom casamento ao desposar com um homem que estabeleça um lugar social e que sustente um papel para a mulher, e sim se relacionar com alguém que seja possível trocar experiências de uma maneira saudável e não limitadora, e que cada um possa dar lugar ao seu eu individual e a sua alteridade.

Aos poucos a mulher vai descolando da figura da mulher do lar e busca legitimação em outros papéis. Porém ainda é um desafio a mulher ocupar certos espaços sem ser discriminada ou ter o seu corpo objetificado, sem desejá-lo.

A mulher vive um momento que lhe traz conflitos entre: utilizar da passividade e do lugar do acolhimento da sua feminilidade, e buscar a sua colocação no mundo social para além da estrutura patriarcal determinada, na qual está inserida.

Ainda é um desafio para a mulher articular as posições passivas, que dão lugar ao feminino; e as ativas, que dão lugar ao masculino. A mulher ocupava a passividade submissa quando no papel da mulher do lar. Seu lugar ativo era restrito ao lar e aos filhos. As possibilidades têm expandido para além de seu lar, e elas têm desempenhado papéis ativos em outros espaços. Esses novos espaços de atuação da mulher têm permitido desempenhar outras atividades, porém ainda não é fácil equilibrar todas as demandas que vem adquirindo ao longo dos tempos. A mulher tem acumulado novas demandas à medida que adentra e conquista novos espaços.

Não podemos deixar de citar que as transformações que ocorrem com a mulher afetam os homens também. Algumas vezes eles terão que dividir espaços outrora somente masculinos, ou precisam administrar a ausência da mulher, estejam eles no lugar de filhos, de maridos ou até mesmo de pais. Com a expansão dos lugares possíveis da mulher, os homens não conseguirão ficar somente ocupados em suas rotinas e vivências, também precisarão se readaptar. Alguns, mais desconstruídos, enxergam de maneira mais amena a nova formatação da mulher. Outros resistem e buscam sustentar a imagem da mulher burguesa, onde cada figura, de acordo com a construção do imaginário social, deve ocupar um tipo de espaço: a mulher do lar, a mulher promíscua, a mulher serviçal, a mãe.

A medida que a mulher busca uma nova formatação, a sociedade é empurrada a se ressignificar, pois por mais que a mulher ocupasse um lugar de submissão, o papel da figura materna é modificado e ressignificado, e os novos filhos e filhas vivenciam uma nova dinâmica social, que irá de encontro ao desenvolvimento do psiquismo.

Como já explicitado, é importante desconstruir a naturalização do papel da mulher dentro do imaginário da família burguesa. Mas com essa mudança de estrutura, será inevitável advir uma alteração na estrutura social, qual a sociedade como um todo irá vivenciar, e os analistas poderão constatar em seus divãs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FREUD, Sigmund. (1905) **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade**. In: Freud – Obras Completas Volume 06, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1912) **O Debate Sobre a Masturbação**. In: Freud – Obras Completas Volume 10, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1914) **Introdução ao Narcisismo**. In: Freud – Obras Completas Volume 12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1917) **Sobre as Transformações dos Instintos, em Particular o Erotismo Anal**. In: Freud – Obras Completas Volume 14, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1917) **O Tabu da Virgindade**. In: Freud – Obras Completas Volume 9, São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. (1920) **Além do Princípio do Prazer**. In: Freud – Obras Completas Volume 14, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1923) **O Eu e o Id**. In: Freud – Obras Completas Volume 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1923) **A Organização Genital Infantil**. In: Freud – Obras Completas Volume 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924) **O Problema Econômico do Masoquismo**. In: Freud – Obras Completas Volume 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924) **A Dissolução do Complexo de Édipo**. In: Freud – Obras Completas Volume 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1925) **Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos**. In: Freud – Obras Completas Volume 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1931) **Sobre a Sexualidade Feminina**. In: Freud – Obras Completas Volume 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Manuscrito Inédito 1931**. São Paulo: Blucher, 2017.

_____. (1933) **A Feminilidade**. In: Freud – Obras Completas Volume 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**. 2ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi. (Organizadoras). **O Racismo e o Negro no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LAPLANCHE. Jean. **Vocabulário de Psicanálise / Laplanche e Pontalis**. 4ª Ed. São Paulo, 2001.

LACAN, Jacques. (1956-57) **O Seminário 4, A Relação de Objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ROUDINESCO, Elisabeth. (1944) **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.